



**Subcampo conservador e lucro tripartido:  
um estudo dos focolares e de sua economia de comunhão**

**Renan Vilas Boas de Melo Magalhães<sup>1</sup>**

**Sylvana Maria Brandão de Aguiar<sup>2</sup>**

**Resumo**

Este artigo tem por objetivo a compreensão histórica do subcampo conservador católico denominado Focolares e sua Economia de Comunhão (EdC). Este Movimento surge na Segunda Guerra Mundial, em 1943, em Trento, na Itália e teve como idealizadora Chiara Lubich, líder do grupo até sua morte. O grupo obteve a aprovação papal apenas em 1962, recebendo o nome de “Obras de Maria”. Este Movimento teve grande difusão pelo mundo, e em 2009 comemora-se 50 anos de sua chegada no Brasil, onde esses tiveram e tem uma grande expansão. Um modo criado para difundir e manter o Movimento são as pequenas cidades chamadas Mariapólis. Aqui em Pernambuco existe uma dessas, a Mariapólis Santa Maria, em Igarassu-PE, nosso principal locus de pesquisa. Em 1991, a partir de seus princípios, funda-se a EdC, que baseia-se principalmente na comunhão de bens, na unidade e na cultura da partilha. A EdC é compatível com o capitalismo e visa a repartição do lucro, através do lucro tripartido, onde uma parte vai para empresa, uma para a ajuda aos necessitados e a última para a difusão da cultura da partilha. Nossa análise fez confluir teorias como as de Bordieu, Chartier, Geertz e Weber, além da utilização de autores temáticos.

**Palavras-chave:** Repartição do lucro; Igreja Católica; Representações.

**Introdução**

O eixo de análise deste artigo é a compreensão histórica dos Focolares como um *Subcampo Conservador*, no dizer de Bordieu (2005), e de sua Economia de Comunhão, a partir das *práticas e representações* dos focolarinos, no dizer de Chartier (2002). Esta pesquisa insere-se nos estudos em curso nos Grupos de Pesquisa: “História e Religiões” do Programa de Pós-graduação em História da

<sup>1</sup> Graduando em História pela UFPE; membro do Grupo de Pesquisa História e Religiões do Programa de Pós Graduação em História da UFPE; membro do Grupo de Pesquisa Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa, do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste. Professor Regente em História da Prefeitura da Cidade do Recife. Artigos publicados e participação em Congressos. E-mail: renanvbmelo@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em História do Brasil pela UFPE; Professora do Departamento de História da UFPE; Docente dos Programas de Pós graduação em História e Arqueologia da UFPE; Docente e Coordenadora do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste; Líder dos Grupos de Pesquisa “História e Religiões”, do Programa de Pós graduação em História da UFPE, e “Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa”, do MPANE/UFPE. Vários livros e artigos publicados; Membro de Instituições de Pesquisa nacionais e internacionais. E-mail: brandao.sylvana@gmail.com..



UFPE e “Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa” do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste, ambos coordenados pela Professora Doutora Sylvana Maria Brandão de Aguiar.

Para compreensão da Economia de Comunhão enquanto *práticas* e *representação* dos focolarinos faz-se necessário compreender a História como um cotidiano religioso onde os sujeitos elaboram um sentido através da criação de símbolos que orienta um filtro por onde perpassam atitudes sociais amalgamadas pela religião e ter a noção dos mesmos como um *Subcampo* Conservador, nos termos de Bordieu (2005), em meio ao *Campo* que é a Igreja Católica Apostólica Romana. *Campo* deve aqui ser compreendido como autônomo, dito de outra maneira, nem sempre decorrente de determinações econômicas ou culturais, ou seja, mais próximo de uma composição sócio-cultural, caso aceitemos a fusão entre os conceitos dos autores supramencionados.

Acreditamos que nossa pesquisa tem relevância acadêmica devido a ser um trabalho inédito nos estudos históricos. Encontramos uma extensa bibliografia a respeito, contudo, algumas publicações são de autoria dos próprios focolarinos em, por exemplo, uma Editora própria, a Cidade Nova, e outras são do âmbito de outras áreas de conhecimento, nenhuma utilizando-se da confluência de teorias de autores como Chartier (2002) e Bordieu (2001; 2005), ou mesmo comparado a análises realizadas nos 4 volumes de História das Religiões no Brasil (2001-2006).

Nosso estudo é de natureza qualitativa, entretanto utiliza-se de dados quantitativos para consubstanciar as análises feitas (estas estatísticas ainda estão em fase de sistematização, visto o caráter recente da pesquisa). Trata-se também de uma pesquisa exploratória, devido a este caráter inédito supramencionado. É ainda documental e nossas principais fontes primárias estão sendo localizadas e sistematizadas em acervos particulares de empresas integrantes da Economia de Comunhão, em especial na Mariapólis Santa Maria, em Igarassu, onde se está tendo uma certa dificuldade no acesso as fontes, o que impossibilita uma exposição mais densa sobre a mesma. Pode se afirmar ainda que se trata de uma pesquisa bibliográfica, aonde está se catalogando os escritos em outras áreas, publicações na editora Cidade Nova, e dos teóricos relacionados à compreensão dos fenômenos religiosos. Os sujeitos principais da pesquisa são os integrantes do Movimento, empresários, operários, clientes e moradores das Mariápolis. Com estes sujeitos faz-



se necessário a utilização de trabalhos de campo, amparados, principalmente, na Etnografia de Geertz (1989). Da Etnografia é bom se registre que a compreendemos fundamentalmente como as observações registradas em campo de tudo aquilo que é possível captar pelo pesquisador atento a relação dialógica entre aquilo que se vê e como o que se vê é registrado; deste modo há necessariamente uma triangulação de fontes: o registro de campo é densamente relacionado aos documentos primários e as fontes secundárias.

## 1. Cenário histórico do Movimento dos Focolares

O Movimento dos Focolares surge no âmbito da Segunda Guerra Mundial, em 1943, em Trento, na Itália. A idealizadora e fundadora do Movimento foi Chiara Lubich, a líder até sua morte. Chiara se junta na época a um grupo de amigas para recolher doações e ir ao socorro das vítimas da guerra. Com o fim da guerra os Focolares experimentaram uma rápida expansão, de início na Itália, e logo após, em 1956, pelo restante da Europa. Com o passar do tempo alcançam os cinco continentes. Atualmente, inserem-se em 182 países, com mais de dois milhões de aderentes e uma irradiação de alguns milhões, dificilmente quantificável<sup>3</sup>.

A aprovação do Papa ao Movimento só é concedida em 1962, quando recebem o nome oficial de "Obras de Maria", por seguir os preceitos marianos. Essa questão mariana fica evidente na liderança do grupo onde apenas mulheres podem exercer a liderança, o que não afasta os homens do Movimento. A aprovação se dá durante o contexto do Concílio Vaticano II. Os Focolares vão receber um grande apoio do Papa João Paulo II, que apóia muitos destes tipos de movimentos conservadores. Tal relação com os movimentos conservadores é evidenciada na carta endereçada a Chiara Lubich tratando a respeito do 60º aniversário da fundação do Movimento.

Nestes sessenta anos, quantas transformações sociais, rápidas e desconcertantes, assinalaram a vida do mundo! A humanidade tornou-se cada vez mais independente e, buscando interesses passageiros, perdeu às vezes os seus próprios valores de referência ideal. E agora corre o risco de se encontrar como que "sem alma",

<sup>3</sup> Para um maior aprofundamento dos dados consultar: <<http://www.focolare.org/page.php?codcat1=190&lingua=PT&titolo=o%20movimento%20dos%20focolares&tipo=o%20movimento%20dos%20focolares>> Acesso em: 29 de ago. de 2009

isto é, sem o princípio unificador fundamental de todo o seu projecto e de toda a sua actividade.

Penso em particular no Continente europeu, que conta com uma tradição cristã bimilenária. No início de um novo milénio impõe-se com urgência o dever de um compromisso renovado por parte dos crentes, para responder aos desafios da nova evangelização. Nessa óptica, um papel importante é confiado aos Movimentos eclesiais, entre os quais, ocupa um lugar de destaque o dos Focolarinos. Fiéis à acção vivificadora do Espírito Santo, os novos Movimentos eclesiais constituem um dom precioso para a Igreja, que os encoraja e os convida a desenvolver a sua acção profética, sob a orientação dos Pastores, para a edificação de todo o Povo de Deus. (MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II [...])

### **Imagem 1 – Chiara Lubich e João Paulo II**



**Fonte:** Galeria de fotos dos focolares. Disponível em:

<http://www.flickr.com/photos/movimento-dei-focolari/sets/>. Acesso em: 13 nov. 2009.

Os Focolares são conhecidos pelas obras sociais pelo mundo. Só no Brasil, até o ano de 2007, gerenciavam-se 120 obras sociais (SANTOS, 2007). Essas obras sociais são possibilitadas, segundo os Focolares, devido a seus ideais que seriam: fraternidade, a comunhão, a solidariedade, o amor recíproco e a unidade das pessoas. Os Focolares criaram pequenas cidades chamadas de Mariápolis, com escolas, casas e empresas. No mundo, existem 35 Mariápolis.

Chegam ao Brasil em 1958, e logo no ano seguinte Ginetta Calliari se transferi, e formam-se dois centros de formação no Recife, difundindo posteriormente por todo o País. Este ano comemora-se 50 anos de sua chegada ao Brasil, onde tiveram e tem grande difusão. Atualmente, os Focolares estão presentes em quase todas as capitais brasileiras com, e aqui existem três Mariápolis: a Mariápolis Ginetta, em São Paulo; a Mariápolis Glória, no Pará; e a Mariapólis Santa Maria, em Pernambuco (CALLIARI, 1999; SANTOS, 2007). Aqui encontram-se “mais de 17 mil membros, 300 mil aderentes e simpatizantes, e, ainda gerencia 120 obras sociais” (SANTOS, 2007, p. 36), até o ano de 2007.

**Imagem 2 – Primeiros focolarinos no Porto do Recife**



**Fonte:** Galeria de fotos do evento dos 50 anos dos focolares no Brasil. Disponível em: <  
<http://www.flickr.com/photos/39364350@N07/3619481783/>> Acesso em: 13 nov. 2009.

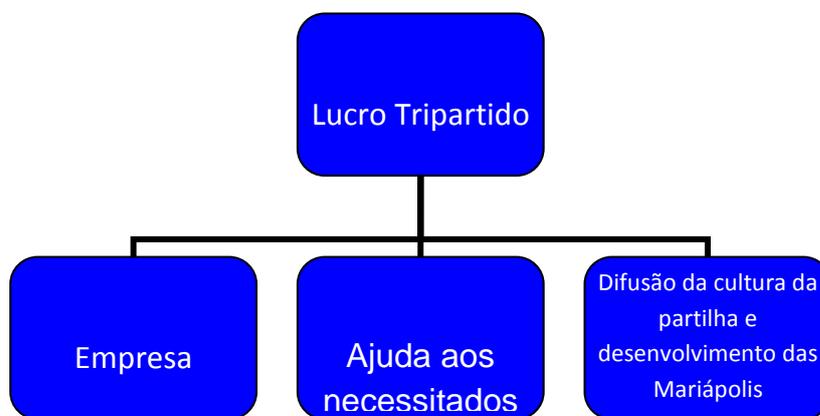
## **2. Economia de Comunhão – Lucro Tripartido**

No interior dos Focolares se desenvolve em 1991, em São Paulo, a Economia de Comunhão<sup>4</sup> (EdC) criada por Chiara, durante sua permanência na Mariápolis Ginetta. A EdC é uma nova forma de interação econômica, uma tentativa de humanizar a economia de mercado. Esta nova forma de interação surge a partir dos ditos ideais dos Focolares, em especial a cultura da partilha – que se baseia na dádiva e na gratuidade –, a comunhão de bens e a unidade.

As empresas coligadas à EdC são empresas de propriedade privada em todos os sentidos, plenamente inseridas no mercado, que salvaguardam a propriedade particular dos bens, mas colocam o lucro – que a ideologia capitalista considera a finalidade da empresa – em comunhão. (BRUNI, 2005, p. 25)

A inovação maior que surge com a EdC é a concepção de Lucro Tripartido, que consiste em repartir o lucro em três partes, aonde a primeira é para “ajudar em primeiro lugar os necessitados, oferecer-lhes trabalho, estruturá-los, [...] Depois, para desenvolver as empresas, pois se elas param, não produzem.” (LUBICH, 2004, p. 14) E por fim para difundir a cultura da partilha e desenvolver as Mariápolis.

#### Organograma 1 – Lucro Tripartido

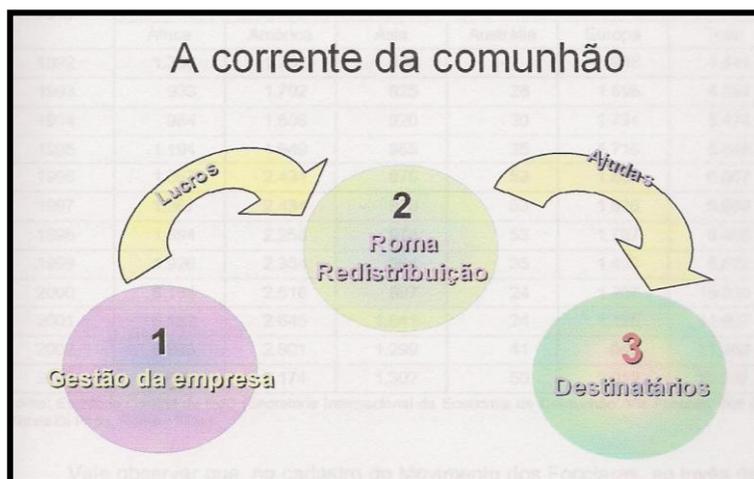


Fonte: Autoria própria.

Este lucro é distribuído pelo escritório central da EdC, em Roma. Este escritório concentra informações recebidas dos escritórios locais, regionais e nacionais, e assim organizam os recursos para a redistribuição (SANTOS, 2007). O sistema funciona como mostra a seguinte figura.

<sup>4</sup> A Economia de Comunhão possui um site oficial que pode ser consultado para um maior detalhamento. Disponível em: <<http://www.edc-online.org/index.php/br.html>> Acesso em: 04 de set. de 2009.

Figura 3 – A Corrente da Comunhão



Fonte: Adaptado de Santos (2007, p. 86)

As empresas da EdC no Brasil tomaram grande proporção econômica, atuando nos mais diversos setores, e movimentando grandes fluxos de dinheiro, em especial, nos lucros postos em comunhão. O quadro a seguir registra a proporção destes lucros.

Quadro 1 – Lucros colocados em comunhão pelas empresas da EdC entre 1992 e 2005 (US\$)

Ano	M. Ginneta	Centro Sul	Extremo Sul Nordeste	Nordeste	Norte	Brasília	Total
91/92	1.500,00	12.100,00	1.171,00	907,00	1.416,00	-	17.094,
92/93	5.491,00	8.934,00	2.740,00	4.181,00	1.241,00	-	22.587,



III Colóquio de História - Brasil: 120 Anos de República  
UNICAP - Recife - PE - 19 a 22 de outubro de 2009

93/94	8.040,00	5.861,00	5.010,00	1.396,00	6.802,00	-	27.109,00
94/95	18.535,00	26.830,00	9.676,00	3.216,00	13.185,00	-	71.439,00
95/96	14.921,00	60.934,00	14.091,00	205,00	9.576,00	-	99.727,00
96/97	6.700,00	37.027,00	26.507,00	6.700,00	5.033,00	-	71.967,00
97/98	2.872,00	24.917,00	14.811,00		8.027,00	-	50.627,00
98/99	3.027,00	30.217,00	12.982,00	459,00	1.503,00	-	48.353,00
99/00	6.021,00	25.510,00	9.835,00	416,00	2.650,00	-	44.432,00
00/01	6.370,00	37.760,00	14.349,00	874,00	1.971,00	-	61.324,00
01/02	8.508,00	31.072,00	8.312,00	2.509,00	1.074,00	-	51.475,00
02/03	11.194,00	19.253,00	8.623,00	1.730,00	370,00	2.129,00	43.299,00
03/04	16.141,00	22.573,00	15.355,00	83,00	32,00	3.061,00	57.245,00
04/05	16.141,00	2.573,00	15.355,00	83,00	32,00	3.061,00	57.245,00

Fonte: Centro Filadélfia de Estudos, Pesquisa e Documentação da EdC Apud Santos (2007, p. 115)



Com o desenvolvimento da EdC, criou-se nos entornos das Mariápolis pólos produtivos onde reúnem-se empresas produtivas que inspiram-se na EdC. Estes pólos são importantes meios de interação da comunidade com a empresa. O primeiro pólo surgido no Brasil, em 1994, foi o Spartaco, em São Paulo (PINTO; LEITÃO, 2006). Em Pernambuco existe o Pólo Ginetta, que fica nas proximidades da Mariápolis Santa Maria.

A EdC não teria um fim assistencialista, como programas de governo como o “bolsa-escola”, nem tampouco filantrópico, no lugar destes Pinto e Leitão (2006) a baseiam na “cultura do dar”.

O grande diferencial da EdC é sua compatibilidade com a economia de mercado, pois não se faz necessário grandes reviravoltas econômicas para sua implantação. O que possibilita isto é que a mudança reside na forma de distribuição do lucro. Este é um discurso bastante utilizado pelos autores temáticos da Editora Cidade Nova. A exemplo de Zamagni que diz,

A experiência de EdC contradiz este modelo dicotômico de ordem social, porque mostra, na prática, que é possível servir-se do mercado para alcançar objetivos de natureza pública. Mais exatamente, é possível utilizar o mercado não apenas para produzir riqueza de modo eficiente, mas também para redistribuí-la segundo um cânone de equidade. (ZAMAGNI, 2002, p. 133)

Sorgi também faz algumas considerações, caracterizando a EdC como um modelo diferente do capitalismo e do comunismo.

Trata-se de um *modelo diferente* do capitalismo e do comunismo; um modelo que, sem dúvida, se fundamenta na Doutrina Social da Igreja, mas que destaca especialmente o aspecto da *participação* e da *solidariedade*, estimulando um posterior desenvolvimento da doutrina em sentido mais profundamente *comunitário*. (SORGI, 1998, p. 60)

Sendo compatível com a economia de mercado, os integrantes da EdC se apropriam das formas mais adequadas das estruturas capitalistas para o seu desenvolvimento, sem ocorrer alguma distinção quanto a escolha de uma estrutura. Como demonstra Gui,

Não há rejeição alguma às estruturas econômicas “capitalistas” e, em especial, à empresa comercial, na forma de uma sociedade de capitais. Ela é vista como abrigo viável e, portanto, como instrumento útil onde pode ser atuada a lógica “de comunhão”. Nesse sentido, não se reconhece nenhuma superioridade, no plano dos princípios, por exemplo, às fórmulas cooperativas ou às instituições sem fins lucrativos. A escolha parece ser ditada por razões de funcionalidade, dependendo inclusive das normas jurídicas e fiscais de cada país. (GUI, 1998, p. 102)



## Considerações Finais

Esta pesquisa aqui apresentada divulga resultados iniciais das análises feitas até o momento. Evidentemente, estes resultados serão posteriormente estudados com maior densidade, devido ao caráter desta fase inicial, onde se prima pela localização e sistematização de fontes e definição teórico-metodológica.

Compreendemos que a Economia de Comunhão está intrinsecamente interligada com os conceitos de *práticas* e *representação*. As *representações* são entendidas aqui enquanto classificações e divisões que orientam a assimilação do mundo social como categorias de percepção do real. As *representações* têm uma tendência a universalidade, entretanto são sempre determinadas pelos interesses dos grupos ou classes sociais que as estabelecem. A *representação* do mundo é interligada com a posição social das pessoas, sendo desta forma histórica, construída historicamente. Além do que, a *representação* funciona como uma estratégia de classe, que regula as relações entre as classes sociais. Assim, têm-se numa mesma época diferentes representações sociais, onde cada uma constrói o real a sua maneira. A *representação* é indissociável da *prática*: a *prática* é uma ação no mundo que faz reconhecer o lugar social do indivíduo. Ademais, é o mundo da *representação* que concebe as práticas sociais, objetivando-se em instituições, que incorporam a tendência de conservar a existência dos grupos sociais. (CHARTIER, 2002)

Tendo em mente as noções de *Representações e Práticas*, vemos que estando a Economia de Comunhão permeada da *representação* dos Focolares, de tal modo que os Focolares tentam impor sua visão de mundo através de suas *práticas*, conceito de Chartier (2002), as demais percepções de mundo, buscando inserir seus ideais na interação econômica tradicional.

Para análise dos Focolares no interior da Igreja Católica, é fundamental o conhecimento das noções de *campo* e *subcampo*. Para Bordieu, o espaço social está dividido em *campos* nos quais os indivíduos buscam desempenhar sua dominação sobre os outros, e onde as ações individuais e coletivas se dão dentro de uma normatização, criada e transformada por essas próprias ações. Dentro deste *campo*, os agentes sociais estão em disputa, visto ser este um espaço de conflitos, e este *campo* está dividido em diversos *sub-campos*. Deve-se, portanto, entender que



diferentes campos sociais relacionam-se entre si dando origem a espaços sociais mais abrangentes, influenciadores e influenciados ao mesmo tempo. (BORDIEU, 2001; 2005).

Aqui, consideramos os Focolares enquanto um *subcampo* (2001; 2005) de configuração conservadora que interage com os demais *subcampos*, que estão num espaço de conflito, e que compõe o *campo* (2001; 2005) que é a Igreja Católica Apostólica Romana. Este *subcampo* conservador, como outros movimentos neste sentido, recebem apoio da Igreja neste atual momento, e em especial desde João Paulo II, que fortaleceu muito tais movimentos, como foi supramencionado.

Tivemos a percepção, ao menos neste exemplo, que Weber tem razão ao analisar a religião enquanto amálgama e vetor de desenvolvimento da Economia Capitalista, no dizer do autor, a lógica da razão e da racionalidade moderna (2000; 2006), como se vê nesta nova forma de interação econômica, que transforma a relação da empresa com o lucro, o repartindo, e foi criada no seio do Movimento dos Focolares, relacionando assim religião e desenvolvimento do Capitalismo.

Muito ainda tem a se analisar sobre o Movimento dos Focolares e a Economia de Comunhão. Ilações com outros autores ainda são possíveis, um dentre estes é Marcel Mauss, que será futuramente correlacionada com os resultados obtidos até o momento, mais as fontes a serem consultadas. Cabe ainda registrar que para futuras pesquisas de campo serão utilizados a metodologia da História Oral de autores como Montenegro (1994), Thompson (1992), Le Goff (1996) e Meihy e Holanda (2007).

## Referências

BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

HISTÓRIA DAS RELIGIÕES NO BRASIL. Sylvana Brandão (Org.). Recife: UFPE, v. 1-4, 2001-2006.

BRUNI, Luigino. **Comunhão e as novas palavras em economia**. Vargem grande Paulista: Cidade Nova, 2005.



CALLIARI, Ginetta. O Projeto Economia de Comunhão: acenos sobre a origem, o desenvolvimento e algumas repercussões sobre a origem. IN: BARAÚNA, MÁRCIA. (Coord.) **Economia de Comunhão e movimento econômico**: desenvolvimento e perspectivas. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.  
GALERIA DE FOTOS DOS FOCOLARES. Disponível em:  
<<http://www.flickr.com/photos/movimento-dei-focolari/sets/>>. Acesso em: 13 nov. 2009.

GALERIA DE FOTOS DO EVENTO DOS 50 ANOS DOS FOCOLARES NO BRASIL.  
Disponível em: < <http://www.flickr.com/photos/39364350@N07/3619481783/>> Acesso em:  
13 nov. 2009.

GUI, Benedetto. “Empresa e Economia de Comunhão: algumas reflexões” In: Rui et al. **Economia de Comunhão**: Projeto, Reflexões e Propostas para uma Cultura da Partilha. 2. ed. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 1998.

LE GOFF, Jacques. **Historia e Memória**. 4. ed. São Paulo: UNICAMP, 1996.

LUBICH, Chiara. **Economia de Comunhão**: História e Profecia. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II À FUNDADORA DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES, SRA. CHIARA LUBICH, NO 60º ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO. Disponível em:<[http://www.vatican.net/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/2003/december/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20031206\\_chiara-lubich\\_po.html](http://www.vatican.net/holy_father/john_paul_ii/speeches/2003/december/documents/hf_jp-ii_spe_20031206_chiara-lubich_po.html)> Acesso em: 19 out. 2009.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória**: a cultura popular revisitada. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 1994.

O MOVIMENTO DOS FOCOLARES. Página oficial do Movimento dos Focolares.  
Disponível em:  
<<http://www.focolare.org/page.php?codcat1=190&lingua=PT&titolo=o%20movimento%20dos%20focolares&tipo=o%20movimento%20dos%20focolares>> Acesso em: 29 de ago. de 2009



Página oficial da Economia de Comunhão. Disponível em: <<http://www.edc-online.org/index.php/br.html>> Acesso em: 4 de set. de 2009.

PINTO, Mário Couto Soares; LEITÃO, Sergio Proença. **Economia de Comunhão: Empresas para um capitalismo transformado.** Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SANTOS, Alexandre José Ferreira dos. **Uma abordagem da Economia de comunhão como estratégia para o desenvolvimento local:** o caso das empresas instaladas na região metropolitana do Recife. Recife, 2007. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CCSA. Administração, 2007.

SORGI, Tommaso. "A Cultura do Dar" In: COSTA, Rui et al. **Economia de Comunhão: Projeto, Reflexões e Propostas para uma Cultura da Partilha.** 2. ed. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 1998.

THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado:** história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Martin Claret, 2006.

\_\_\_\_\_. **Economia e sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva . 4. ed. Brasília: UNB, 2000. 2v.

ZAMAGNI, Stefano. "Fundamento e significado da experiência de Economia de Comunhão" In: BRUNI, Luigino (Org.) **Economia de Comunhão: uma Cultura Econômica em várias dimensões.** Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2002.